



Competências e habilidades docentes diante das dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental

Teaching competencies and skills in the face of learning difficulties in the initial years of elementary education

Caroline Queiroz

Universidade do Oeste Paulista - Unoeste, Presidente Prudente/SP, Brasil,
<https://orcid.org/0000-0001-6343-4859>, caqueirozmartins@gmail.com

Ademir Henrique Manfre

Universidade do Oeste Paulista - Unoeste, Presidente Prudente/SP, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-2067-4657>, ademirmanfre@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo apresenta os resultados finais da pesquisa de Iniciação Científica que teve como objetivo geral investigar quais competências e habilidades o docente necessita desenvolver para promover o processo de ensino e de aprendizagem de crianças com dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Optou-se por realizar um levantamento bibliográfico junto ao portal Google Acadêmico no recorte temporal situado entre 2010 e 2020 destacando as produções mais recentes. O intuito foi enfatizar que o docente necessita desenvolver competências e habilidades específicas diante do novo cenário posto pelo século XXI, repleto de desafios. Conclui-se que, a partir da leitura criteriosa e aprofundada do material investigado, é fundamental promover espaços formativos promotores de competências e habilidades com o objetivo de dirimir as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes.

Palavras-chaves: Competências; Habilidades; Dificuldades; Aprendizagem.

Abstract

This research proposal has the general objective of investigating which competences and skills the teacher needs to develop in order to promote the teaching and learning process of children with learning difficulties in the early years of elementary school. We chose to carry out a bibliographic survey with the Google Scholar portal in the time frame between 2010 and 2020, highlighting the most recent productions. Our aim is to emphasize that the teacher needs to develop specific skills and abilities in the face of a new scenario posed by the 21st century, full of challenges. It is understood that it is possible, from a careful and in-depth reading of the material to be investigated, to build a theoretical and methodological framework that can serve as a basis for other approaches on the topic under discussion.

Keywords: Competences. Skills. Difficulty. Learning.





1 Introdução

O desenvolvimento deste tema teve como foco investigar quais competências e habilidades os docentes necessitam desenvolver diante das dificuldades de aprendizagem dos estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Diante do tema importante como as competências docentes, teve-se como preocupação refletir sobre a necessidade da formação docente alinhada às competências requeridas pelo século 21.

As competências têm papel primordial na vida profissional do docente, visto que é por meio delas que o professor poderá agir diante de situações problemas, buscando métodos inovadores de ensino, promovendo mudanças na escola, preparando os estudantes para enfrentar os desafios diários, além do domínio das tecnologias. No decorrer do trabalho, apresentam-se quais competências os docentes necessitam apresentar diante das dificuldades de aprendizagem.

Além de abordar as competências e habilidades docentes, apresentam-se as principais dificuldades de aprendizagem que são encontradas em salas de aulas.

A partir do exposto, a investigação teve como objetivos específicos:

- Apresentar as competências e habilidades necessários ao docente do século 21.
- Refletir sobre as dificuldades de aprendizagens apresentadas pelos estudantes nos processos de ensino e de aprendizagem escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.
- Refletir sobre a formação de professores como fator fundamental na diminuição das dificuldades de aprendizagem das crianças.

2 Delineamento Metodológico

Metodologicamente, a investigação pautou-se pelos seguintes delineamentos descritos abaixo:

1. Primeira etapa: levantamento bibliográfico inicial junto à base de dados do portal Google Acadêmico.

Essa etapa possibilitou o entendimento sobre a produção teórica nesse campo do conhecimento.



2. Segunda etapa: apresentação dos resultados da análise do material científico. Nessa etapa, teve-se como intuito:

- Analisar quais competências e habilidades o docente necessita desenvolver diante das dificuldades de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental.
- Refletir sobre a formação de professores como fator fundamental na diminuição das dificuldades de aprendizagem das crianças.

Esses itens foram de extrema relevância para o entendimento da importância que é depositada à formação de professores em um contexto desafiador como o ambiente escolar.

A presente investigação foi determinada a partir da metodologia embasada na pesquisa bibliográfica qualitativa, isto é, foram consultadas pesquisas e escritos científicos de autores e estudiosos que abordam a temática edificada nesse estudo. De acordo com Marconi e Lakatos (2011), essa é a investigação do material já publicado, seja em forma de livros, publicações, revistas, compêndios. A finalidade da pesquisa bibliográfica é ainda, segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 42-43) “fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações”.

Entende-se que é possível, a partir da leitura criteriosa e aprofundada do material identificado, construir um referencial teórico-metodológico que possa servir de fonte para outras abordagens sobre o tema em discussão.

3 Resultados e Discussão

3.1 competências e habilidades docentes na educação escolar

Neste tópico, apresentam-se as dez competências formuladas por Philippe Perrenoud (2015). O especialista defende que os professores necessitam seguir essas competências no processo de formação pedagógica, principalmente em um contexto



educativo pautado por desafios diários. De acordo com o estudioso suíço, existem dez competências importantes na formação de professores. São elas:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem

Segundo Perrenoud (2015, s/p):

- Conhecer, para determinada disciplina, os conteúdos a serem ensinados e sua tradução em objetivos de aprendizagem.
- Trabalhar a partir das representações dos alunos.
- Trabalhar a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem.
- Construir e planejar dispositivos e sequências didáticas
- Envolver os alunos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento.

Isto é, através dessas competências, é indicado que se produzam conhecimentos sobre os conteúdos e seus objetivos para cada experiência de aprendizagem e, assim, desenvolvam-se habilidades para construí-las em situações abertas e tarefas complexas. É preciso também diferenciar o conceito de “saber” e o “sabe-fazer” que são estruturados em situações distintas e amplas.

Conforme revelado por Manfredi (1998, apud Gondim et al, 2003, p.6), o saber-ser é relacionado a particularidades pessoais que ajudam nas qualidades da interação humana, ou seja, esse saber-ser é o conhecimento particular do indivíduo em que a experiência pedagógica fomenta a interação entre os alunos. O saber-fazer é quando o docente apresenta habilidades e conhecimentos profissionais no trabalho, buscando envolver os alunos em trabalhos e projetos de conhecimento.

Sendo assim, é correto afirmar que a competência “organizar e dirigir situações de aprendizagem” está relacionada a conhecimentos específicos em cada disciplina, buscando experiências em determinados conteúdos, usufruindo de cada momento das aulas, desde tarefas mais simples até as mais complexas, por meio dos interesses dos estudantes. Isso promoverá a construção dos saberes quando não apenas o professor socializa ensinamentos e conhecimentos, mas os discentes também através de experiências e acontecimentos.

Perrenoud (2015) descreveu que é necessário trabalhar de acordo com os erros e obstáculos da aprendizagem, uma vez que o erro é uma ferramenta de ensinar e de avaliar. Portanto, o pedagogo não pode visualizar apenas conteúdos e teorias na prática



pedagógica, mas pode vislumbrar as competências mediante a relação com os estudantes, visto que cada estudante aprende e vivencia de diversas formas.

O professor tem a incumbência de criar várias maneiras de promover a construção do conhecimento usando o cotidiano dos alunos, criando laços e acionando diversas abordagens para que esses possam também compreender a matéria que foi lecionada de uma forma mais significativa.

2. Administrar a progressão da aprendizagem

De acordo Perrenoud (2015), a segunda competência é incorporada em algumas capacidades. Uma delas é administrar a progressão das aprendizagens que se contextualiza em gerar e administrar situações que são problemas que surgem conforme o nível e as possibilidades dos alunos. Outra aptidão é adquirir a visão horizontal dos objetivos de ensino, estabelecendo laços entre a prática e a teoria. O docente necessita observar e avaliar os alunos em situações de aprendizagem de acordo com a abordagem formativa, fazendo balanços periódicos de competências.

Ainda conforme os pensamentos de Perrenoud (2015), é necessário administrar os problemas de acordo com as possibilidades dos alunos, ou seja, o professor precisa conhecer cada um dos estudantes, suas limitações e, a partir disso, buscar soluções para que esses possam superar os próprios limites, sempre respeitando cada dificuldade e cada desafio intelectual. Com isso, pode-se avaliar e observar o desenvolvimento dos alunos, além de valorizar também o que eles têm de conhecimento já construído. O docente precisa desfocar de situações de ensino monótonas e buscar métodos mais dinâmicos por meio de situações de aprendizagem.

3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação

Perrenoud (2015, s/p) esclareceu, na terceira competência que, para o professor, é indispensável: “Administrar a heterogeneidade no âmbito de uma turma, ampliar a gestão de classe para um espaço mais vasto, fornecer apoio integrado, trabalhar com alunos portadores de grandes dificuldades, e desenvolver a cooperação entre os alunos”.

Em suma, é imprescindível conduzir as diversidades no contexto escolar, ampliando a gestão educacional para um ambiente de apoio integrado, isto é, incluindo os alunos com



diferentes dificuldades, buscando a colaboração entre eles para que todos possam conviver e trabalhar juntos.

Portanto, o docente precisa reconhecer, em um primeiro momento, os limites dos alunos para que, no segundo passo, ele possa agrupar os estudantes com dificuldades semelhantes de forma que um possa ajudar o outro na realização de determinada atividade. O professor, nesse processo, trabalhará a empatia, colocando-se no lugar do educando, reconhecendo as dificuldades e, a partir disso, buscar alternativas em que os discentes sejam tratados iguais, mesmo com as diferentes limitações, obtendo um resultado harmônico para cada grupo de alunos.

4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seus trabalhos

De acordo com Perrenoud (2015), o quarto domínio é provocar o prazer no desejo de aprender e esclarecer a relação com o saber, a percepção do trabalho escolar, elaborar o desenvolvimento da criança a ser capaz de autoavaliar-se. Outro ponto é apresentar atividades opcionais de formação, favorecendo a descrição de um projeto pessoal do aluno.

É indispensável também que venha através do professor a motivação para que os discentes possam desenvolver o prazer da aprendizagem, tornando-os mais participativos nas aulas, promovendo a autonomia. O mediador precisa se basear nas experiências de mundo que os educandos apresentam, trabalhando as experiências em paralelo com o conteúdo proposto no plano de ensino, observando também os erros, as dificuldades e os avanços. Além disso, Perrenoud (2015) acrescenta que os docentes podem incluir os alunos em conselhos escolares para que eles se sintam participativos nas decisões que são tomadas coletivamente pela escola.

5. Trabalho em equipe

Segundo Perrenoud (2015), a quinta competência é aquela a qual o professor promove o desenvolvimento de projetos em grupos, representações comuns, conduz também grupos de trabalho, administra reuniões, constrói e aperfeiçoa a equipe pedagógica, desafia e observa conjuntos de situações complexas, práticas e impasses profissionais, gerenciando crises ou confrontos interpessoais





Nessa quinta capacidade, o sociólogo defendeu que é fundamental que o professor busque ajuda para instruir os alunos. Igualmente, é primordial a parceria entre o professor, direção e os pais para que todos busquem a educação de qualidade para os educandos. Para isso, é essencial que o docente encontre-se consciente para ouvir as críticas, aperfeiçoando o trabalho educativo.

6. Participar da administração da escola

Perrenoud (2015, s/p.) afirma que se faz necessário “Elaborar, negociar um projeto da instituição, administrar os recursos da escola, coordenar, dirigir uma escola com todos os seus parceiros e Organizar e fazer evoluir, no âmbito da escola, a participação dos alunos”. Em outras palavras, o estudioso aconselha que o professor faça parte da administração da escola.

As escolas são democráticas, e todos os professores necessitam estar disponíveis para participar do setor administrativo do instituto educacional buscando contribuir, oferecendo sugestões e críticas construtivas, pensando recursos junto à escola, valorizando o local de trabalho.

7. Informar e envolver os pais

Os pais podem estar comprometidos no desempenho dos filhos em sala de aula e, para este propósito, o professor, por meio de reuniões, podem orientá-los sobre as dificuldades das crianças, esclarecendo as dúvidas desses com o objetivo de envolvê-los no âmbito escolar das crianças. Desse modo, Perrenoud (2015, s/p.) afirmou que o docente tem a função também de “Dirigir reuniões de informação e de debate, fazer entrevistas e envolver os pais na construção dos saberes”.

8. Utilizar novas tecnologias

De acordo com Perrenoud (2015), a oitava competência posta à formação docente é usar recursos tecnológicos, englobar e buscar o domínio em relação aos editores de texto, explorando também as capacidades didáticas dos programas relacionadas ao objetivo do ensino, dialogar por via internet, usando ferramentas multimídias no ensino.

A partir das concepções do sociólogo suíço, o professor precisa estar atualizado no que tange às novas tecnologias inseridas nas aulas, ter a iniciativa de buscar recursos



tecnológicos inovadores para que a aula se torne mais prática e interessante para os alunos. O docente necessita esquecer-se daquele estereótipo em que o professor apenas utiliza como material a lousa e giz nas mãos, pois é de suma importância que o próprio busque atualizações, que atraia a atenção dos alunos, e que esses compreendam melhor o conteúdo a ser desenvolvido no processo pedagógico.

9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão

Perrenoud (2015, s/p.) corrobora acerca das incumbências do educador ao listar as atitudes que o profissional deve tomar:

1. Prevenir a violência na escola e fora dela.
2. Lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais.
3. Participar da criação de regras de vida comum referentes à disciplina na escola, às sanções e à apreciação da conduta.
4. Analisar a relação pedagógica, a autoridade e a comunicação em aula.
5. Desenvolver o senso de responsabilidade, a solidariedade e o sentimento de justiça.

A função do professor pode ir além da prática de educar, pois pode preparar os estudantes para a vida, buscando abordar nas aulas que não se deve praticar nenhum ato de violência, seja na escola ou fora dela, debater também como é possível combater as discriminações e o preconceito cotidiano do educando, trabalhar com os alunos sobre ética e valores que esses precisam seguir, e que é preciso que eles sejam indivíduos responsáveis, solidários e corretos. Sendo assim, o professor vai além dos conhecimentos pedagógicos, pois tem a competência de formar indivíduos éticos e responsáveis para a vida fora do âmbito escolar.

10. Administrar sua própria formação contínua

O docente necessita estar sempre atualizado em relação à formação pedagógica, buscando também se aprimorar em cursos da área, almejando conhecimentos significativos, visando estar dentro do assunto, participando de palestras educacionais e aperfeiçoando seus conhecimentos pedagógicos. Abaixo, estão listadas algumas práticas desse profissional:

- 1- Saber explicitar as próprias práticas.
- 2- Estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua.
- 3- Negociar um projeto de formação comum com os colegas (equipe, escola, rede).
- 4- Envolver-se em tarefas em escala de uma ordem de ensino ou do sistema educativo.



5- Acolher a formação dos colegas e participar dela (PERRENOUD, 2015, s/p).

De acordo com Zabala e Arnau (2015), a utilização do termo competência é resultado da superação de um ensino que, em certas situações, restringe-se a uma aprendizagem em que a metodologia consiste na memorização, melhor dizendo, decorar os ensinamentos que, com isso, provoca dificuldades nos processos escolares educativos.

Zabala e Arnau (2015, s/p) afirmam que “As competências escolares devem englobar o âmbito social, o interpessoal, o pessoal e o profissional”. É verificável assimilar a linha de raciocínio das autoras com o pensamento de Perrenoud (2015) na perspectiva de defender que o profissional da educação, além de trabalhar o desenvolvimento do aprender do educando, tem o papel de ajudar no processo de construção da identidade do aluno.

É preciso que o educador lide com cada aluno individualmente, partindo do pressuposto de que todos têm características próprias, limitações e formas de aprender. Ademais, o docente ainda possui a competência de preparar os alunos para o mercado de trabalho.

Em conformidade com os pensamentos de Zabala e Arnau (2015, s/p.): “A competência e os conhecimentos não são antagônicos, pois qualquer atuação competente sempre representa a utilização de conhecimentos Inter-relacionados às habilidades e às atitudes”. Portanto, as habilidades e os princípios educativos têm que andar juntos, pois, seja qual for a ação do aluno, frequentemente teremos que usar diversas competências, habilidades e atitudes.

Para Perrenoud (2002), a condecoração de uma competência não se trata apenas do reconhecimento em solucionar o contexto de problemas, e nem das providências que serão tomadas pelo profissional, mas sim pela transmissão de saberes, das capacidades, das formas de ideias e do ensinamento ético que dispõe. No momento atual, competência traduz-se como habilidades, tais como sensibilizar uma família, sensibilizando de uma maneira eficaz, ágil, com persistência e dinâmica, com inúmeros mecanismos que envolvem o campo cognitivo: habilidades, informações, valores, avaliação, raciocínio e atitude.

Resumidamente, o termo competência significa que o professor necessita ter o domínio de resolver os problemas no espaço escolar, praticar a construção de saberes





envolvendo os alunos em trabalhos interessantes, procurando formas de aguçar os interesses nas aulas, enriquecendo conhecimentos, desenvolvendo conteúdos relacionados a valores, instruindo a vida, criar responsabilidades.

Antunes (2011, p.13) defendeu que, para se colher respostas possíveis aos obstáculos que a educação atual determina, é preciso que o profissional da educação se disponha a utilizar as quatro aprendizagens da educação, sendo elas:

- Aprender a conhecer: em outras palavras obter a capacidade da compreensão, abrangendo o controle das suas próprias ferramentas de conhecimento pessoal. Resumidamente, quem tem o interesse em buscar o conhecimento aprende a aprender, e essa instrução é importante para ligações entre pessoas, habilidades profissionais e princípios para a vida.
- Aprender a fazer: esse segundo pilar é relacionado ao âmbito profissional e objetiva preparar os alunos para o mercado de trabalho. O professor precisa ter o domínio de provocar e encorajar a criatividade, buscar recursos de cooperação para que modifique o crescimento de conhecimentos novos.
- Aprender a viver juntos: o terceiro pilar da educação é fundamental que os alunos tenham bom convívio e respeito entre si, seja dentro da escola ou fora. O docente pode desenvolver dentro desse terceiro pilar o respeito, a tolerância, empatia, compreensão na vida pessoal e social dos seus amigos, respeitando também as diferenças e limitações de todos da sua sala de aula.
- Aprender a ser: Nesse terceiro pilar da Educação, o professor deve trabalhar com cada indivíduo os seguintes princípios: Autonomia, desenvolvimento de pensamento crítico, proatividade, independência, desenvolvimento Ético e Moral. Diante disso o Docente preparará seus alunos para os desafios impostos pela sociedade de um modo geral.

Diante do assinalado, o objetivo deste item do artigo foi apresentar as 10 competências consideradas por Perrenoud (2015) essenciais ao fazer pedagógico na atualidade, as quais podem ser aplicadas no contexto das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes. Assim, no próximo item, tem-se como objetivo apresentar, refletir e discutir algumas dificuldades de aprendizagem na escola, apresentando atividades que o docente, munido de competências específicas, pode utilizar-se para auxiliar os estudantes com dificuldades específicas.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: IMPORTÂNCIA DAS COMPETÊNCIAS DOCENTES

Neste item do artigo discute-se sobre os transtornos específicos da aprendizagem mais recorrentes entre as crianças, abordando alguns tipos de dificuldades, tais como: dislexia, discalculia e disgrafia.



Em consonância com Felipe e Benevenuti (2018), as dificuldades no processo de aprendizado ainda são frequentemente confundidas com os distúrbios de aprendizagem. No entanto, deve ser considerado que, quando nos referimos ao distúrbio é porque há um elo com uma situação de disfunção neurológica, portanto, uma limitação de aprender da criança. Nessa perspectiva, a dificuldade de aprendizagem refere-se aos requisitos dos campos psicológicos e socioculturais da criança.

Assim sendo, compreende-se que, quando se abordam os temas de dificuldades de aprendizagem e distúrbios de aprendizagem, não se deve desprezar o fato de que ambos os conceitos são distintos e, conseqüentemente, isso acarreta na precisão de estudar cada um de maneira aprofundada, sobretudo suas particularidades.

Ao partir do princípio de quando aludimos acerca das dificuldades de aprendizagem, também devemos abranger as questões socioemocionais dos estudantes, levando em consideração o contexto familiar e a realidade em que a criança está inserida, ou seja, é necessário envolver o contexto emocional, cultural e cognitivo dela.

Segundo Felipe e Benevenuti (2018), o docente, por conhecer a aprendizagem do discente no cotidiano, transforma-se em elemento primordial no procedimento de reconhecimento e descoberta dos obstáculos que provocam as dificuldades de aprendizagem. Compete ao professor comunicar as famílias e sugerir um acompanhamento e, se for necessário, buscar psicólogos ou psicopedagogos.

Em outras palavras, o professor, por conviver com os alunos no dia a dia, consegue analisar os empecilhos e as dificuldades que os discentes enfrentam nas atividades cotidianas da sala de aula. Então, através dessa verificação, o docente pode comunicar os familiares sobre as dificuldades dos educandos, orientá-los caso haja a necessidade de auxílio de uma equipe multidisciplinar, que pode ser composta por: fonoaudiólogos, psicopedagogos, neuropediatras e psicólogos. Desse modo, com a contribuição desses profissionais, será executável o trabalho de desenvolvimento da criança.

Em suma, as ações pedagógicas citadas se baseiam na busca de recursos e metodologias para os discentes que apresentam determinadas dificuldades de aprendizagem, ou seja, realizar a adaptação das atividades, dos currículos educacionais e da avaliação de acordo com a necessidade do aluno é um fator essencial. É imprescindível também investigar os interesses do discente e, por meio disso, promover um processo de



ensino e de aprendizagem que atraia sua atenção, assim como integrá-lo com os demais estudantes.

Não se pode negligenciar o fato de que, para colocar em prática competências, é necessário identificar quais são as diversas dificuldades de aprendizagem existentes e, por meio disso, executar intervenções conforme cada adversidade do aluno.

Ribeiro (apud FELIPE; BENEVENUTI, 2018, p.53) relatou que os transtornos específicos de aprendizagem são: dislexia, disgrafia, disortografia, dislalia, discalculia, entre outras.

- Dislexia: possui uma característica relacionada às dificuldades na aprendizagem de leitura.
- Disgrafia: possui uma característica de limitação na escrita que pode estar ou não relacionada com a dislexia.
- Disortografia: é uma dificuldade de aprendizagem caracterizada por apresentar dificuldades envolvendo a parte escrita.
- Dislalia: possui características referentes às dificuldades na fala.
- Discalculia: é uma dificuldade típica em matemática.

Diante da amplitude que caracteriza a temática, nos próximos tópicos deste estudo, ressaltam-se as principais dificuldades de aprendizagem, além de outras informações inerentes a elas.

Dislexia

A dislexia é um transtorno específicos de aprendizagem (APA, 2014) com origem neurobiológica, impedindo o aluno de realizar a leitura adequada, visto que, ao praticar a leitura, o indivíduo troca a ordem das letras e se confunde. Devido a essa dificuldade, a criança pode levar mais tempo para ser alfabetizada. O aluno que possui dislexia pode ter dificuldades relacionadas à parte da oralidade, escrita e leitura.

Coelho (2013) afirmou que as características da dislexia relacionadas à expressão oral são: dificuldades em distinguir palavras corretas na comunicação, sendo oral ou escrita; ausência de vocabulário; dificuldades em preparar frases curtas e simples; dificuldades na articulação de ideias e bloqueio de soletração. Referente à dificuldade de leitura e de escrita, os estudantes confundem, invertem, substituem sílabas ou palavras, apresentam dificuldades em interpretação de textos e organização de ideias.

A autora citada anteriormente também aponta que uma das intervenções do docente é estar ciente de que cada um dos alunos apresenta um ritmo de aprendizagem



diferente. Na sala de aula, essa criança precisa permanecer sempre próxima do professor a fim de receber auxílio nas tarefas e se sentir mais acolhida. Ademais, o professor pode reduzir possíveis focos de distração no ambiente de estudo dela.

No quesito avaliação, o professor pode evitar o planejamento de questões longas e difíceis, pois, desse modo, o aluno pode levar mais tempo durante a compreensão da pergunta do que para construir as respostas. Outra possível intervenção seria a ajuda do professor do ensino especial ou do colega de turma para que o aluno consiga entender o que está sendo solicitado no decorrer da leitura das questões contidas na avaliação. Também é importante “o recurso a uma terapia multissensorial, isto é aprender pelo uso de todos os sentidos” (COELHO, 2013).

Fazer uso dos métodos multissensoriais também seria uma das interferências que o docente pode realizar em alunos que apresentam alguma limitação de aprendizagem, essencialmente no processo de alfabetização, que é um grande obstáculo para os alunos com dislexia.

Algumas vezes, o professor pode adaptar as atividades de modo prático para que o aluno seja capaz de entender e realizar a atividade avaliativa. O ideal é que sejam tarefas com questões curtas e fáceis de serem compreendidas. As atividades ou provas também podem ser feitas de modo oral em que o professor realiza as perguntas de modo claro e devagar, e os alunos tentam responder de acordo com os seus saberes.

Por conseguinte, uma das intervenções que Coelho (2013) defendeu para serem postas em prática é, antes de tudo, que o educador entenda que cada discente tem seu ritmo no aprendizado, bem como limitações individuais, e que o professor necessita respeitar os limites do processo de aquisição de conhecimentos pelas crianças, pois é um desenvolvimento gradativo.

Desse modo, o docente necessita encontrar formas de não se distanciar dos estudantes com dificuldades de aprendizagem, adentrando ao seu mundo para que ele consiga estabelecer e executar as ações que contribuem ao desenvolvimento cognitivo da criança. A aproximação entre professor e aluno com dislexia, como foi aludido acima, é substancial para o aprendizado.





Disgrafia

A criança que tem o transtorno de disgrafia possui uma limitação na parte escrita. É identificada por alteração funcional na parte motora. Como resultado, a letra do aluno é de difícil compreensão por ter formatos irreconhecíveis, pois os traços das letras podem ser tanto grossos como finos, há espaçamentos incorretos entre letras, e há chances de conter também a troca de grafemas na escrita.

Segundo Coelho (2013), as dificuldades do transtorno de disgrafia são letras exageradamente grandes ou muito pequenas, formas de letras indistinguíveis, traços grossos ou finos demais, alterações de grafemas, escrita lenta ou rápida, erros e borrões que são difíceis de decifrar, desorganização na folha. Além de ter o transtorno de disgrafia, as crianças também podem apresentar o transtorno de dislexia.

Segundo Gomez (1998, p.130 apud Oliveira 2014, p. 19), ‘as disgrafias podem ter ainda causa emocional, intelectual, e até mesmo socioeconômicas, que podem interferir diretamente no processo de ensino e de aprendizagem, e vir a desenvolver um ou mais distúrbios de aprendizagem’.

Segundo Felipe e Benevenuto (2015), de modo primordial, o docente precisa ter uma boa relação com os alunos e mostrar a eles que a realização das atividades propostas é fundamental na solução das dificuldades apresentadas. É impreterível o profissional ter o conhecimento e atender às carências do estudante a cada momento na execução das tarefas, sempre realizando elogios, enaltecendo o desempenho, mesmo que os resultados não sejam os esperados. Quando Coelho (2013) afirma que é importante que o professor supra as carências dos estudantes, ela se refere às carências cognitivas e socioemocionais apresentadas pelos estudantes no processo de ensino e de aprendizagem escolar.

Destaca-se que o professor necessita manter-se atento quando o discente demonstrar desmotivação e falta de interesse em aprender e, assim, encontrar formas cabíveis de intervenções, adequando os procedimentos a fim de incitar o estímulo na criança.

Disortografia

Esse transtorno é um conjunto de erros da escrita que interfere no redigir das palavras, mas não nos traços ou nas grafias delas. Os sinais da disortografia aparecem na





infância no início da fase em que a criança aprende a escrever, e essas falhas são gramaticais. Há a presença da disposição errônea de pontuações em locais impróprios dos textos, com dificuldades em produzir ou copiar textos escritos. Por esses fatores, a caligrafia pode se tornar irregular (ilegível).

Assim, é necessária a existência de vários meios para intervir. A intervenção junto a alunos com “disortografia não deve obedecer a um único modelo em concreto, mas sim a uma variedade de técnicas que tenham em conta não apenas a correção dos erros ortográficos, mas também a percepção auditiva, visual e espaciotemporal” (COELHO, 2013, p.12).

Em outras palavras, o professor pode ir em busca de recursos que estimulem a cognição do aluno, como cartazes com letras de destaque nas paredes da sala de aula, além de trabalhar as dificuldades do discente por meio da ludicidade, do uso de músicas infantis, aplicação de jogos pedagógicos, provocando o interesse na criança.

Dislalia

A dislalia é um distúrbio da fala que é identificado como dificuldade em associar as palavras. É identificada na infância e pode ser considerada normal até os quatro anos de idade (CAMIA; FERREIRA, 2018). É provável que as causas da dislalia se deem a um atraso fonológico, transtorno fonético ou alterações físicas. A criança com dislalia também troca muitas palavras por outras iguais, e sua linguagem oral é inadequada.

De acordo com Erberhart e Cauduro (2013), a dislalia se manifesta na alteração da fala na qual a imprecisão articulatória afeta os padrões de produção de sons da língua referente às fases de programação e/ou a aplicação neuromotora. Isso acontece quando a criança está começando a falar.

As principais causas, nestes casos, decorrem de fatores emocionais, como, por exemplo, ciúme de um irmão mais novo que nasceu, separação dos pais ou convivência com pessoas que apresentam esse problema (babás ou responsáveis, por exemplo, que dizem “problema”, “Framengo”, etc.), e a criança acaba assimilando essa deficiência” (ERBERHART; CAUDURO, 2013, p.13).

De acordo com os autores, a dislalia também apresenta como causa o fator emocional, sendo similar à disgrafia, que também apresenta fatores emocionais. Ou seja, pode haver crianças que apresentam o distúrbio por estar passando por momentos delicados para elas, como a separação dos pais, ou até mesmo a chegada de um irmão.





Não apenas isso, mas quando a criança convive com outras pessoas que têm costume de falar de modo do senso comum, ela pode passar a se comunicar igual, imitando-as.

Segundo Erberhart e Cauduro (2013, p.13), é de suma importância que o docente saiba identificar o transtorno da dislalia e, ao perceber essa incapacidade em sala de aula, o professor pode encaminhar o aluno a um profissional apropriado. Sendo assim, o primeiro passo seria conduzir a criança para uma análise com uma especialista fonoaudióloga. Assim, o pedagogo precisa trabalhar o transtorno por meio de atividades que desenvolvam a linguagem, a lateralidade e a noção de espaço temporal.

Discalculia

A discalculia é um transtorno neurológico particular que afeta a capacidade da criança compreender e operar números. O aluno pode ter dificuldades em entender e memorizar os conceitos matemáticos, sendo eles: regras e fórmulas, sequenciação de números (antecessor e sucessor) ou em enunciar qual número é maior ou menor, diferenciação de esquerda ou direita e de direções (norte, sul, leste, oeste), dificuldades em solucionar operações, tarefas que precisam lidar com dinheiro ou ver horas em relógios e, em casos extremos, de fobia em matemática (FELIPE; BENEVENUTTI, 2015).

Etimologicamente, discalculia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “calcular” (calcular, contar)” (COELHO, 2013).

Segundo Coelho (2013), a primeira intervenção que o docente pode constituir com a criança é mostrar a ela o quão importante é saber dominar a matemática (concebido popularmente como o “bicho de sete cabeças”) ao transferir para ela exemplos das vantagens obtidas no seu cotidiano a partir do conhecimento matemático: ver televisão (reconhecimento dos canais televisivos); jogar no computador (números de níveis concluídos); jogar a bola (contar números de gols/ analisar distâncias para marcações de pênaltis); brincar com casas das bonecas (dimensões dos quartos/cozinha).

De acordo com Santos (2014, p. 19), pondera-se:

Levar o aluno a pensar e buscar informações para o seu desenvolvimento educacional, cultural e pessoal é uma das tarefas primordiais e básicas da educação. Para tanto é primordial que se leve em consideração as dificuldades de aprendizagem, não como fracassos, mas como desafios e serem enfrentados, e ao se trabalhar essas dificuldades, trabalha-se respectivamente a dificuldades existentes na vida, dando-lhes a oportunidade de ser independente e de reconstruir-se enquanto ser humano e indivíduo. Alunos com dificuldades de aprendizagem como a Discalculia requerem



uma atenção maior do professor e um trabalho diferenciado que atenda a individualidade do aluno, proporcionado ao mesmo possibilidades de aprendizado.

De acordo com Santos (2014), é fundamental que o educador busque sempre orientar o aluno a investigar e a raciocinar em relação ao seu progresso educacional, cultural e pessoal, que são fundamentais à construção de identidade. Porém, é preciso que o docente possua conhecimentos sobre as dificuldades de aprendizagem da criança, que não julgue as limitações como insucesso, mas sim como desafios a serem enfrentados no cotidiano escolar. Dessa forma, é necessário que o docente trabalhe de maneira que implique as limitações atuais na vida do discente, motivando o aluno a ser independente, a reedificar-se como ser humano e indivíduo. Lembrando que estudantes com restrições de aprendizagem solicitam atenção e um trabalho diferenciado que atenda às suas necessidades, fornecendo as mesmas probabilidades dos demais alunos.

Coelho (2013, p. 13) declarou que o pedagogo necessita ter a incumbência de programar atividades pedagógicas que ajudem a melhorar o autoconceito, a autoestima e o sucesso dos estudantes. Essas atividades podem ser por meio de jogos e outros materiais concretos que proporcionem a manipulação por parte da criança: “é primordial que a criança possa tocar e observar”. Para esse domínio, destaca-se a competência nº 4: Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seus trabalhos.

Todas as medidas precisam ser tomadas pelo profissional de modo responsável e consciente, assim como é preciso haver a prudência no planejamento e na prática pedagógica, a fim de beneficiar constantemente o aprendizado do estudante.

4 Conclusões

Em vista dos argumentos apresentados, acredita-se que, para lecionar nas escolas da contemporaneidade, é necessário que o docente disponha de competência e habilidades para lidar com as dificuldades que possam futuramente encontrar. Assim, o docente necessita buscar soluções de problemas cotidianos, promover métodos e inovações em seu local de trabalho, tornando indispensável que o professor apresente competências com o intuito de sanar as dificuldades dos estudantes.

As competências não se descrevem somente em o docente possuir o domínio de resolver problemas, buscar métodos e inovações, mas sim almejar o compartilhamento





de saberes e conhecimentos com os discentes, envolvendo-os em atividades propostas, aguçando interesses. Sendo assim, o docente, de porte de metodologias específicas e significativas enriquece os conhecimentos dos alunos, auxiliando-os no processo de construção de saberes.

Como tentativa de responder ao objetivo geral: “quais competências e habilidades o docente necessita desenvolver para promover o processo de ensino e de aprendizagem de crianças com dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, conclui-se que o professor precisa: organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão das aprendizagens; Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho; Trabalhar em Equipe; Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão, entre outras (PERRENOUD, 2015).

Além de discutir as competências e habilidades docentes, o artigo apresentado tratou das principais dificuldades de aprendizagem que são vistas em sala de aulas por isso, conclui-se que a formação docente é um elemento que deve receber atenção especial diante das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes nos espaços escolares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amanda. **Manual para Tratamento de Disgrafia, Disortografia e Troca de Letras**. São Paulo: Abril, 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. Petrópolis: Editora Vozes, p. 13, 2011.

CAMIA, Bueno; FERREIRA, Maria. A dislalia e suas consequências no processo de aprendizagem. **Anais eletrônicos da mostra científica do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA**. São Paulo: Unievangélica, 2018. Disponível: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/4491/2737>. Acesso em: 01 set. 2021.

COELHO, Diana. **Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia**. Porto: Areal Editores, 2013.





ERBERHART, Daiane; CAUDURO; Maria Teresa. **Aspectos relevantes para trabalhar com o transtorno de Dislalia**. Frederico Westphalen, RS: URI, 2013.

FAVERI, José; GUCKERT, Liane. A dislexia nas séries iniciais: estratégias e atividades de superação. **Revista Caminhos**, v. 1, n° 9, p. 81-90, jan./dez. 2008. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/dislexia-na-educacao>. Acesso em: 01 set. 2021.

FELIPE, Zilma; BENEVENUTTI, Andreia. Dificuldade de aprendizagem. **Anais eletrônicos da mostra científica do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA**. São Paulo: Unievangélica, 2018. Disponível: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/4491/2737>. Acesso em: 01 set. 2021.

GOLDIM, Sônia M. *et al.* Práticas de Inovação e Habilidades Profissionais: Os trabalhadores estão preparados para a mudança organizacional? **Revista da Anpae**: associação nacional de política e administração da educação, v. 1, n/ 2, p. 45-65, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-grt-1613.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. – 6. reimpressão. São Paulo: Atlas: 2011.

OLIVEIRA, Cléber dos Santos de. **O trabalho pedagógico frente à disgrafia no ensino fundamental**. 2014. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

PERRENOUD, Philippe. **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e o desafio da educação. Porto Alegre: Artmed, 2002. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/As_Comet%C3%A2ncias_para_Ensinar_no_S%C3%A9culo_X/t_nZpaOwj1YC?hl=pt-BR&kptab=editions&gbpv=1. Acesso em: 23 fev. 2021.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto alegre: Artmed, 2015. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Dez_Novas_Comet%C3%A2ncias_para_Ensinar/mBIqCAAQBAJ?hl=pt-BR&kptab=editions&gbpv=1. Acesso em: 12 abr. 2021.

SANTOS, Laís. **A Discalculia na perspectiva de professores das séries iniciais de uma escola da rede municipal de Paranavaí-PR**. 2014. 35p. Monografia (Especialização em Educação), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/bitstream/1/20894/2/MD_EDUMTE_2014_2_131.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.





SOUZA, Anuizo M. **Disgrafia**: causas e estratégias de correção no ensino/aprendizagem. Monografia (Especialização em Letras), Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2015. Disponível em:
https://www.google.com.br/books/edition/Como_Aprender_e_Ensinar_Compet%C3%AAs/RnR9CAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1. Acesso em: 12 fev. 2021.

S.

